

NÓS, MULHERES NEGRAS, NA HISTÓRIA DE CONCEIÇÃO DA FEIRA

Ana Maria Pereira Castelo
Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Pons Cardoso



© 2024 Ana Maria Pereira Castelo.

Este livro virtual segue, preponderantemente, as disposições da ABNT e dos acordos ortográficos da Língua Portuguesa.

Nós, Mulheres Negras, na História de Conceição da Feira — 2024.

Universidade do Estado da Bahia — UNEB
Mestrado Profissional em Ensino de História — Profhistória

Mestranda: Ana Maria Pereira Castelo
Orientadora: Professora Dra. Cláudia Pons Cardoso
Revisão: Diop Revisões
Diagramação: Diego Casemiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

INTRODUÇÃO 10

CONCEIÇÃO DA FEIRA, MUNICÍPIO
EMINENTEMENTE NEGRO 13

DONA MENININHA, SACERDOTISA DO
CANDOMBLÉ - A FORÇA DA RELIGIÃO
DE MATRIZ AFRICANA INTRODUÇÃO 20



SUMÁRIO

TIA CHINHA E O MUTIRÃO
DA SOLIDARIEDADE

33

MESTRA NZINGA: CAPOEIRA E RESISTÊNCIA
CULTURAL. UMA MULHER COMANDANDO A
RODA DE CAPOEIRA

44

QUEM CONTA A HISTÓRIA? A
HISTORIADORA ATIVISTA: ANA CASTELO

55

CONSIDERAÇÕES FINAIS

62

APRESENTAÇÃO

Este e-book, *Nós, Mulheres Negras, na História de Conceição da Feira*, é o resultado de um trabalho rigoroso e inspirador de pesquisa intitulado *Nós, Mulheres Negras, na História de Conceição da Feira: para Decolonizar o Currículo de História e Assegurar a Lei 10.639/2003*, apresentado como dissertação ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – Profhistória, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob orientação da Professora Doutora Cláudia Pons Cardoso. Este projeto acadêmico foi realizado com o objetivo de destacar a história, as contribuições e as lutas das mulheres negras em Conceição da Feira, revelando a importância dessas trajetórias para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Baseado em análises de documentos históricos e em entrevistas com ativistas e líderes locais, este trabalho narra as trajetórias de figuras que representam o protagonismo feminino negro em Conceição da Feira, evidenciando suas atuações políticas, sociais e culturais. Trata-se de um esforço para romper com a invisibilidade que historicamente tem sido imposta às mulheres negras e para reafirmar seu papel vital na construção de uma sociedade equitativa. Este e-book, disponibilizado na Plataforma Digital de Educação Antirracista do Colégio Estadual de Tempo Integral de Conceição da Feira, nasce como uma contribuição para a educação antirracista e como um registro das histórias das mulheres que moldaram e continuam a moldar a história e identidades locais.



Cada uma das mulheres – com suas lutas, conquistas e perseverança – simboliza resistência, cultura e empoderamento. A preservação de suas histórias é essencial para que futuras gerações compreendam e valorizem a contribuição das mulheres negras na construção de nossa cultura e identidade. Assim, este e-book foi idealizado como uma ferramenta pedagógica que visa fortalecer a implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares, e para contribuir com a construção de uma educação antirracista. O livro procura atender a professores, estudantes, comunidade escolar e local, sendo um apoio fundamental para promover uma educação decolonial e inclusiva.

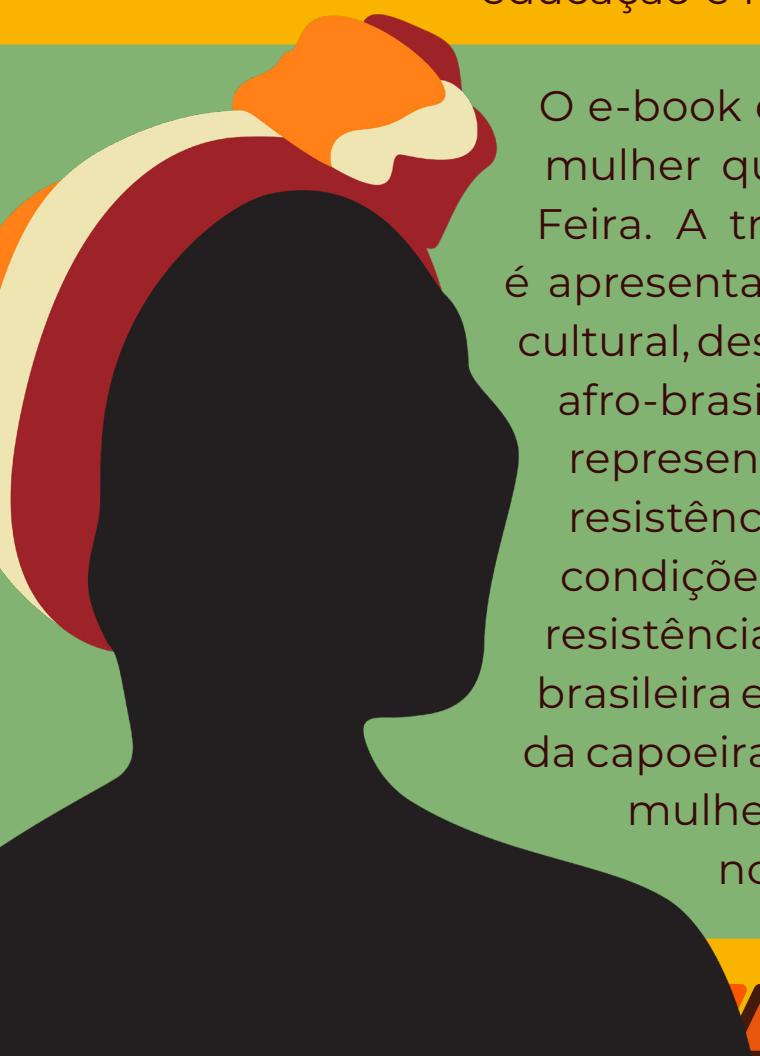
O e-book está dividido em quatro seções, cada uma dedicada a narrar a história de mulheres emblemáticas: Dona Menininha, sacerdotisa do Candomblé e guardiã da espiritualidade; Maria Alves, fundadora do Mutirão da Solidariedade; Mestra Nzinga, capoeirista e símbolo de resistência cultural; e a professora Ana Castelo, que entrelaça essas histórias com seu trabalho educativo. Juntas, elas representam a diversidade de atuação e o impacto duradouro das mulheres negras em Conceição da Feira, fazendo deste livro não apenas um tributo às suas vidas, mas um recurso para inspirar e educar sobre a força e a importância das vozes femininas negras no nosso passado e presente.

Este é um convite para que cada leitor reflita sobre o poder da educação e da história como ferramentas de transformação social.



INTRODUÇÃO

O e-book *Nós, Mulheres Negras, na História de Conceição da Feira* nasce de uma perspectiva decolonial e antirracista, inspirada pelas reflexões de autoras como bell hooks, Lélia Gonzalez e Grada Kilomba, que nos chamam a compreender e valorizar as contribuições das mulheres negras no contexto brasileiro. Este trabalho propõe-se a resgatar e a valorizar a história de mulheres negras que foram e são protagonistas em Conceição da Feira, município marcado pela forte presença e resistência negra. Em consonância com as ideias de Kilomba, que reflete sobre o poder da narrativa para reconstruir identidades silenciadas, o e-book trabalha para romper com a invisibilidade histórica imposta a essas mulheres e para afirmar o seu lugar central na cultura, na educação e na luta por justiça social.



O e-book está dividido em quatro seções, cada uma dedicada a uma mulher que deixou marcas profundas na história de Conceição da Feira. A trajetória de Dona Menininha, sacerdotisa do Candomblé, é apresentada como um exemplo de força espiritual e de resistência cultural, desafiando, assim, o apagamento religioso imposto às tradições afro-brasileiras. Maria Alves, criadora do Mutirão da Solidariedade, representa a solidariedade e a união comunitária, símbolos de uma resistência coletiva e de uma atuação que busca transformar as condições de vida locais. Mestra Nzinga, capoeirista e símbolo de resistência cultural, exemplifica a luta pela preservação da cultura afro-brasileira e da autonomia feminina nos espaços de prática e celebração da capoeira. Enquanto a professora Ana Castelo tece as histórias dessas mulheres com seu trabalho educativo, contribuindo para que novas gerações reconheçam e honrem suas origens.

Essas trajetórias exemplificam o protagonismo das mulheres negras nas esferas religiosas, sociais e culturais, evidenciando a capacidade de subverter a invisibilidade histórica imposta a elas. Como Kilomba (2019) argumenta, “contar histórias é desafiar as relações de poder” – e este e-book se coloca justamente como uma plataforma de voz e memória, onde a história dessas mulheres pode ser compreendida e valorizada em toda a sua complexidade. Utilizando fontes documentais, entrevistas e registros orais, esta obra rompe com o apagamento, evidenciando o impacto duradouro dessas lideranças na formação da identidade e na luta pela justiça social de Conceição da Feira.

Além disso, o e-book atua como um recurso pedagógico, reafirmando o papel da educação antirracista e contribuindo para a implementação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares. Em consonância com bell hooks (1994), que defende uma educação como prática de liberdade, o e-book *Nós, Mulheres Negras, na História de Conceição da Feira* é dedicado a professores, estudantes e à comunidade local como um material que não apenas informa, mas inspira e transforma, oferecendo uma nova lente para a compreensão da história local. Ao dar visibilidade a essas vozes, este trabalho reafirma o valor da educação como um espaço de resistência e transformação social.

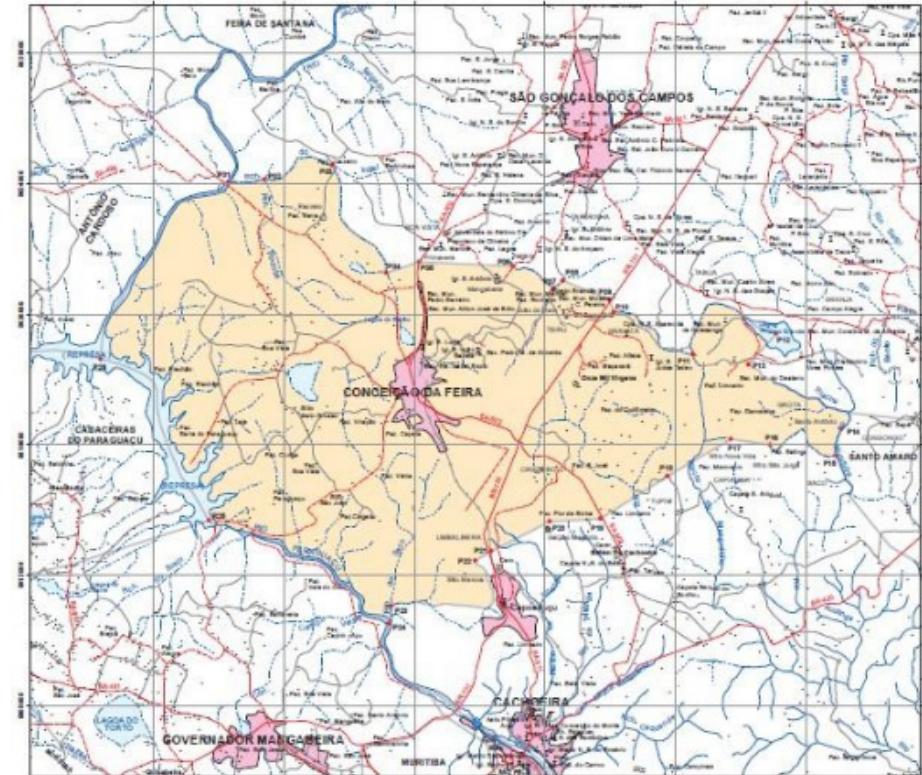


CONCEIÇÃO DA FEIRA, MUNICÍPIO EMINENTEMENTE NEGRO

Conceição da Feira, município brasileiro, do estado da Bahia, está localizado na região metropolitana de Feira de Santana, no Território de Identidade Cultural Portal do Sertão. Com população estimada de 21.499 pessoas em 2024 pelo IBGE, fica situado a leste do estado, próximo a Baia de Todos os Santos, distante da capital 69 Km em linha reta, 118 Km por rodovia e 134 Km por linha férrea. Faz limite com os seguintes municípios:

- Ao Norte, com o município de São Gonçalo dos Campos;
- Ao Sul, com os municípios de Cachoeira e Governador Mangabeira;
- Ao Leste, com os municípios de Cachoeira, São Gonçalo dos Campos e Santo Amaro;
- Ao Oeste, com os municípios de Antônio Cardoso e Cabaceiras do Paraguaçu.

Mapa Descritivo
de Conceição
da Feira



Fonte: Página SEI/BA



Quanto ao relevo, sua maior elevação é a Serra da Putuma com aproximadamente 300 metros de altitude, que é considerada uma atração turística da cidade. O município é rico em áreas planas e sua hidrografia é composta principalmente pelo Rio Paraguaçu. Tem um clima com as estações bem definidas. O inverno foge dos padrões nordestinos, pois é muito frio chegando a registrar no mês de agosto temperaturas em torno de 15°C, e devido a sua localização geográfica verificam-se dias intensamente quentes e noites proporcionalmente frias.

Serra da Putuma



Fonte: Página da Serra da Putuma no Facebook

Breve Histórico de Conceição da Feira



A tradição oral, conforme relatam Santos, Bastos e Cerqueira (1993), conta que na segunda metade do século XVII ocorreu a primeira penetração em terras do atual município, promovendo assim, o estabelecimento do povoado. Ainda neste período, no ano de 1675 foi construída uma capela a pedido do Coronel Manuel de Araújo de Aragão Correia, que a dedicou à Nossa Senhora da Conceição, vinculada a Paróquia da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Nas primeiras décadas do século XIX, no ano de 1830, em virtude do avançado estado de má conservação da primeira ermida, foi construída uma nova capela.

O local escolhido, a praça da Matriz como é conhecida hoje, era privilegiado, pois ali passavam duas estradas reais, uma que ligava ao sertão e outra ao nordeste. A partir desta construção iniciou-se um processo de povoamento desta região, sobretudo com a instalação da feira livre e das casas de comércio, que movimentavam o então povoado, denominado de Arraial de Nossa Senhora da Conceição da Nova Feira (Santos, Bastos e Cerqueira, 1993). Posteriormente, acrescentam os autores, foi construída a Matriz consagrada a Nossa Senhora da Conceição e, em 1847, elevada à freguesia, vinculada à Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira.

A então Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, por se encontrar no entroncamento de duas importantes estradas reais, era próspera. Sua economia estava baseada no beneficiamento do fumo, farinha de mandioca, milho, feijão, couros e peles. Entretanto, como esta freguesia era pertencente a Vila de Nossa Senhora do Porto da Cachoeira, grande parte do lucro proveniente da venda dos víveres ficava na então vila.

Desta forma, lavradores, comerciantes, dentre outros, iniciaram um processo que buscava a elevação para categoria de vila o então arraial e, de município a então sede deste. Nesse



contexto é que desmembrado do município de Cachoeira, o município de Conceição da Feira foi criado pela força da lei estadual de 23/07/1926, no então governo de Francisco Goés Calmon. O município recebeu o nome “Conceição” em homenagem a devoção à Nossa Senhora da Conceição e “da Feira”, em virtude da grande feira livre que atraía feirantes e compradores dos municípios vizinhos.

A emancipação política, entretanto, não foi um processo simples, pois em 23 de junho de 1931, o município foi suprimido, pelo decreto estadual de nº 7455, voltando o seu território a fazer parte do município de Cachoeira. No final do mesmo ano, através de ato de um interventor federal, Conceição da Feira recupera o status de município, situação que não perdurou muito, já que em 1943 sofreu nova extinção, tendo seu território sido anexado, novamente, ao município de Cachoeira. O impasse, contudo, encontra uma resolução definitiva “em 1º junho de 1944, quando o ente público volta a ser município, passando a figurar com esta qualificação no quadro da divisão política e administrativa da Bahia, conforme a lei estadual de 23/07/1926” (Santos; Bastos; Cerqueira, 1993, p. 16).



Pluralidade e diversidade são elementos facilmente identificáveis dentre as características da gente conceiçoense. Provavelmente, por estar situado no centro-norte, nas proximidades do



Recôncavo Baiano, região considerada um dos principais berços históricos da cultura negra do Brasil, Conceição da Feira possua rica herança cultural e histórica, ligada às tradições afro-brasileiras. Sua população total de 20.800 habitantes, composta por 10.937 mulheres (52,58%) e 9.863 homens (47,42%), é também constituída majoritariamente por negros, conforme levantamento do IBGE (2022). Na estatística censitária, 50,27% se declararam pretos (10.457); 41,57% pardos (8.647); 7,92% brancos (1.647) e 0,24% amarelos e indígenas (37). Convém destacar que, somados os assumidamente pretos e pardos, o grupo em referência representa 91,84% do contingente populacional de conceiçoenses. No município, existem duas comunidades certificadas como remanescentes de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. Tratam-se das comunidades Bete I e Gameleira, situadas na zona rural.

A população negra desempenhou e continua a desempenhar um papel essencial na formação da identidade cultural, social e econômica da cidade. Desde sua fundação, como um desmembramento de Cachoeira em 1926, a contribuição da população negra foi fundamental para moldar a vida comunitária e preservar tradições, como manifestações culturais e religiosas de raízes afro-brasileiras. Atualmente, Conceição da Feira é reconhecida como a Capital do Frango, sendo o mais importante polo avícola da Bahia.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Foto Reprodução / Google Street View





“Dona Menininha fez uma grande diferença na vida das pessoas e na comunidade. Um exemplo notável é o fato de muitas pessoas desenganadas pela medicina convencional terem encontrado cura e alívio em sua casa. Pessoas vinham de longe do sertão, e outros estados em busca de sua orientação espiritual, e muitos relataram melhorias significativas após as consultas com ela. Além disso, sua capacidade de conduzir cerimônias e rituais com profunda devoção criou um ambiente de fé e esperança, fortalecendo a comunidade em momentos de dificuldade. Dona Menininha também ajudou a resolver conflitos e a unir pessoas, sempre promovendo a paz e a harmonia, fazendo caridade, o que deixou um impacto duradouro na vida daqueles que a procuraram em busca de auxílio espiritual”.

(Neuza Amorim da Silva
Sacramento e Zélia Amorim da
Silva, filhas de Dona Menininha)

DONA MENININHA, SACERDOTISA DO CANDOMBLÉ - A FORÇA DA RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA

Filha de mãe solo, Alexandrina Amorim, mais conhecida como Dona Menininha (apelido recebido em razão de sua baixa estatura), conforme figura abaixo, nasceu no dia 20 de agosto de 1921, em casa, na comunidade do Timbó, zona rural de Conceição da Feira, BA. Mãe, cuidadora de afazeres domésticos, de repente se torna uma das maiores lideranças espirituais do município, deixando como legado uma trajetória que é referência tanto para seus familiares e sociedade local, quanto para a comunidade onde viveu e construiu sua história. Faleceu aos 101 anos, em 2021.



As Dificuldades de uma Infância Interrompida por um Casamento Precoce

Menininha casou-se aos 13 anos. E por ser ainda criança teve que usar o artifício de aumentar a idade em dois anos para tornar possível a união. Dos 14 filhos que teve, nove sobreviveram. E a estes, ela juntou mais dois que acolheu para criar. Sua vida familiar foi repleta de dificuldades, pois o marido, além de maltratá-la constantemente, não assumia as responsabilidades da casa. Viu suas crianças passarem fome e irem dormir sem ter feito refeições por dois a três dias seguidos. Apesar disso, mesmo quando os carros paravam na porta para pedir crianças, ela nunca pensou em entregar os filhos. Era prática comum à época pessoas aparecerem nas casas da zona rural querendo “cuidar” de crianças de famílias pobres. Segundo a entrevistada Eliane Amorim, “Graças à força e luta dela, nossa família tem gratidão por termos conseguido viver sempre unidos. Ela era o porto seguro de toda a família”.

A Positividade como Filosofia de Vida

Definida pelos filhos como muito extrovertida, acolhedora, pessoa de coração grandioso e de muito amor para dar, Dona Menininha adotava a filosofia de vida de não passar tristeza para ninguém. Não era vista relatando problemas pessoais ou humilhações pelas quais passou. Ainda que estivesse vivenciando um momento difícil, a atitude era de prontidão para acolher e abraçar o próximo. Quem chegava em sua casa, não saía sem um apoio. E seu gesto de acolhimento ia sempre acompanhado do característico “sorrisinho” de felicidade.

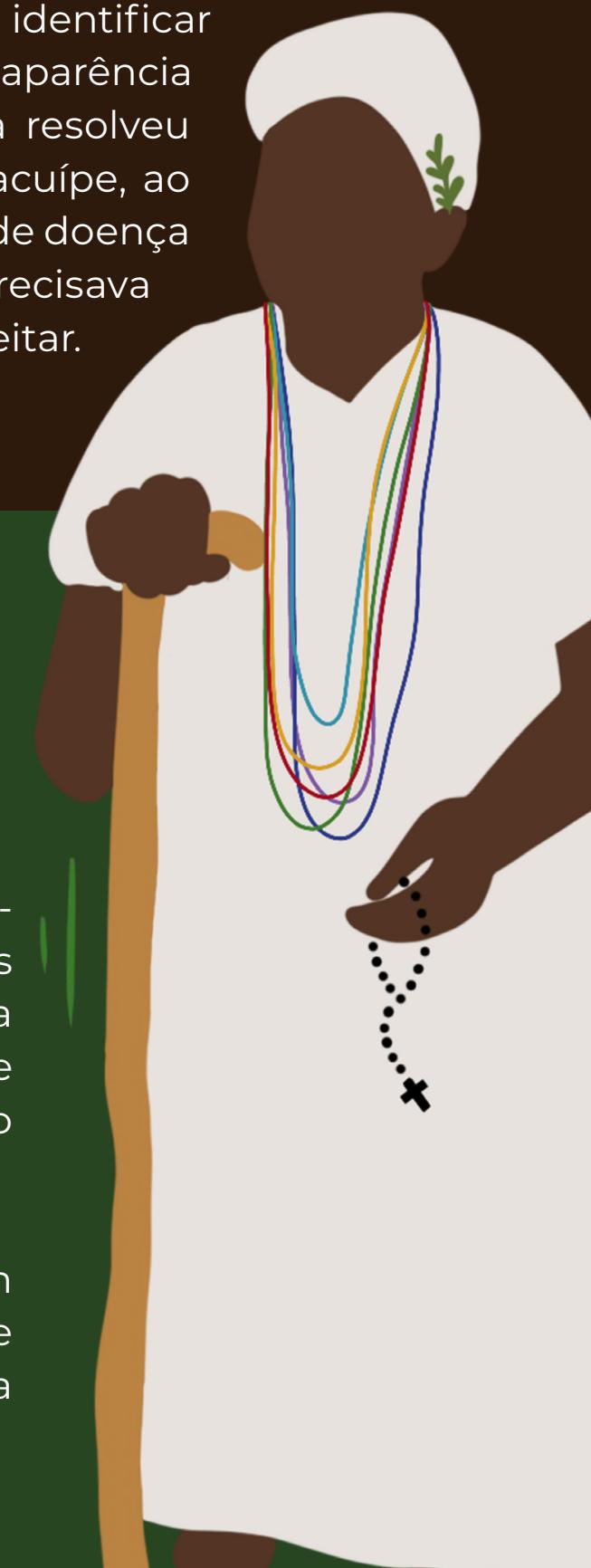
O Chamado para Missão Religiosa

Inesperadamente, em um certo dia, Dona Menininha começou a sofrer muito com fortes dores, a ponto de não conseguir dormir, e tendo visões. Os médicos de Conceição da Feira e de cidades vizinhas não conseguiram identificar qualquer doença. Como ela foi emagrecendo e ficando com a aparência muito pálida em razão da continuidade das dores, um irmão dela resolveu levá-la a uma “Casa” (terreiro de candomblé), em Nazaré do Jacuípe, ao lado de São Sebastião do Passé. Lá, disseram que não se tratava de doença nenhuma, e sim que ela tinha uma aldeia de caboclos e que precisava trabalhar. Para a entrevistada Márcia Amorim, “Ela hesitou em aceitar. Mas, o meu tio acabou convencendo-a concordar”.

O Início da Missão Religiosa

O marido de Menininha, também de opinião contrária ao encaminhamento espiritual, prometeu abandonar a casa se ela aceitasse ir para o terreiro. Pesando o tratamento dado por ele aos filhos, a falta de compromisso com a casa e os maus-tratos que sofria, ela não se importou, e ele foi embora. Mas, após a iniciação espiritual, ela permanecia confusa e se questionava como seria possível entrar em uma religião onde nem sabia o que fazer. “Como é que lida com essas coisas?”, teria se perguntado diversas vezes.

Então, conta-se que ainda em meio a sua resistência interior, em altas horas da noite, bateu à sua porta um homem louco que gritava desesperadamente. Naquele instante, a entidade dela

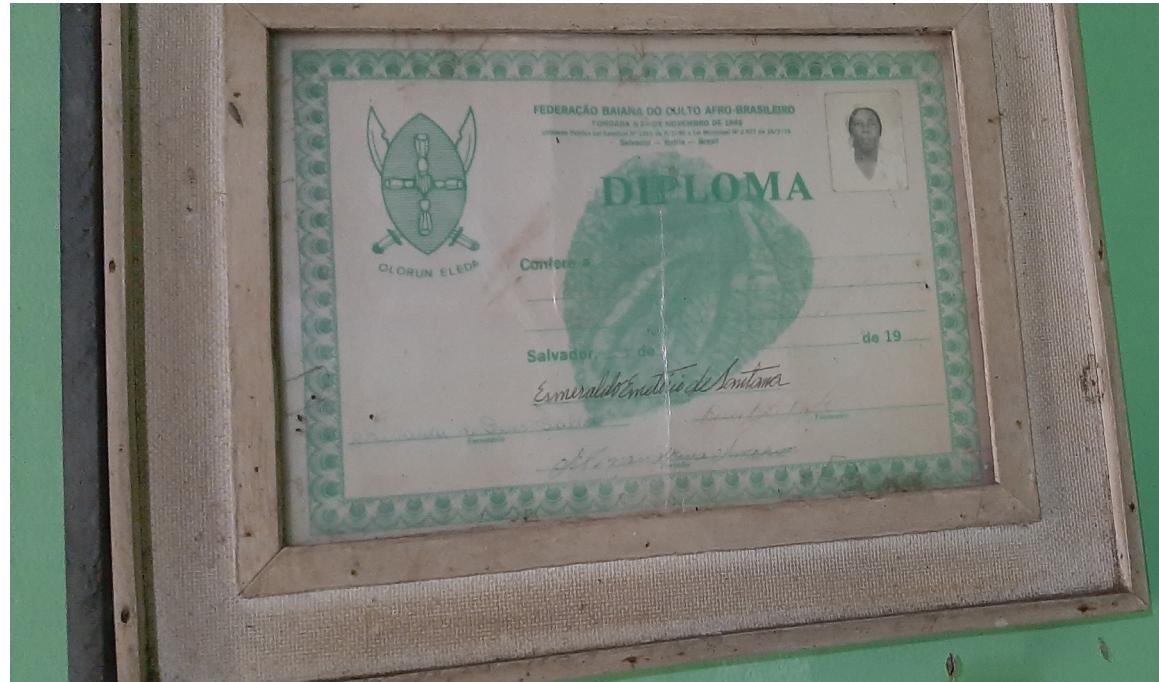


desceu, hospedou o homem e ele ficou curado. Rapidamente, Menininha percebeu que não se tratava de algo para o qual teria que se preparar. Era um dom.

Porém, para provar à sociedade e a vizinhança sua competência em trabalhar, passou um ano realizando atividades gratuitamente, a título de experiência. Consultas, trabalhos, tudo feito em troca de velas e doações destinadas apenas à manutenção do terreiro. Para sustentar os filhos, Menininha passou a entrar no brejo para retirar lenha e vender às pessoas no centro da cidade.

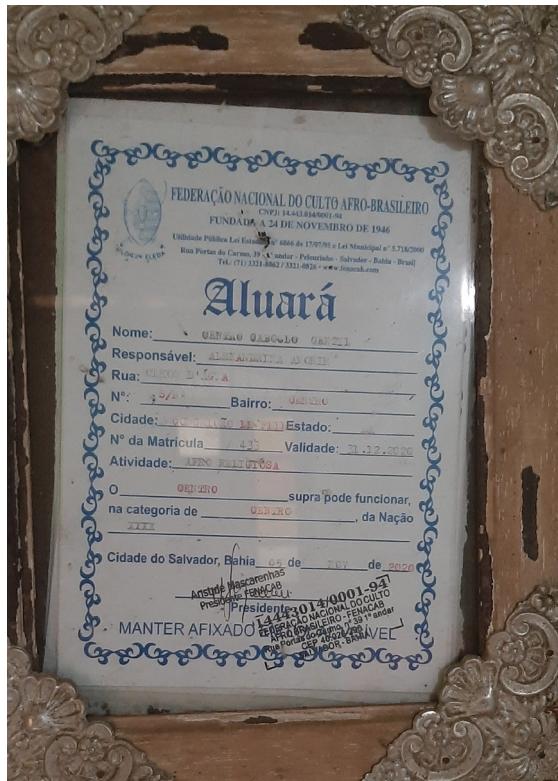
A Oficialização do Terreiro

Diploma da Federação Baiana de Culto Afro-Brasileiro



Fonte: Arquivo do Terreiro de Dona Menininha

Alvará do Terreiro de Dona Menininha



Fonte: Arquivo do Terreiro de Dona Menininha

Um dos valores que mais prezava, era o da honestidade. Dona Menininha nunca enganava ninguém. Por isso, se fosse procurada por alguém com necessidade de acompanhamento em sua Casa, mas sentisse que não poderia resolver aquele problema, ela não pegava o caso.

A casa de Dona Menininha sempre foi um ponto de acolhimento e alegria para toda a família. Ela sempre foi a grande guia e mediadora de todas as questões familiares. Qualquer conflito, agia como a juíza, a intermediadora de tudo. E sabia conviver com o diferente, a diversidade de crença. Exemplo disso é que mesmo quando diversos familiares se tornaram seguidores da religião evangélica, ela manteve a atitude de respeito e compreensão em relação

a eles.

Apesar de ter excelente habilidade com os números e fazer contas “como ninguém mais”, a matriarca não sabia ler nem escrever, e gostaria muito de aprender. Talvez por isso, valorizava muito a educação, elogiando os netos e aconselhando-os a “estudar para ser alguém” na vida. No fundo, o objetivo almejado era aprender a escrever para refazer seus documentos pessoais, colocar a assinatura e retirar um fardo das costas, que era o de ainda carregar o nome do marido. Aos 70 anos, ela conseguiu escrever seu próprio nome, emitiu nova documentação e assinou toda feliz “Alexandrina Amorim”, revelou sua neta, Djane Sacramento.

O certo é que Dona Menininha, com o seu jeito simples e simpático, talvez insignificante para muitos, soube se posicionar e defender uma causa até a morte. Ela sabia de onde veio, o que queria e para onde iria. E deixou isso como uma marca.



O Terreiro do Caboclo Gentil e as Festas

O Terreiro Caboclo Gentil, situado na comunidade do Timbó, zona rural de Conceição da Feira, foi um espaço de grande importância cultural e religiosa, dedicado às tradições do candomblé e do culto aos caboclos. De modo particular, este tipo de culto é uma prática muito presente nos terreiros da Bahia e de outras regiões do Brasil. Tais entidades (caboclos) representam os espíritos ancestrais de origem indígena, sendo reverenciados pela sabedoria e conexão com a natureza. Então, sob a responsabilidade da líder espiritual Dona Menininha do Timbó, figura de destaque na preservação das práticas de orientações afro-brasileiras na região, o Terreiro Caboclo Gentil, de 1954 até a primeira

década do século XXI, tornou-se um ponto de referência espiritual e cultural, atraindo pessoas de várias partes do estado e do país, em busca de orientação e cura espiritual. Convém lembrar que, sob sua supervisão, mantinha-se uma espécie de regimento para a funcionalidade da Casa que era rigorosamente respeitado por todos.

Sede - Terreiro Caboclo Gentil



Fonte: Arquivo do Terreiro de Dona Menininha

As festas realizadas no terreiro geralmente estavam superlotadas e contavam com a segurança da Polícia Militar. Inclusive, a principal, que ocorria no mês de setembro, tinha duração de oito dias e constava entre as maiores da região. Nestes momentos, centenas de pessoas se hospedavam na casa e usufruíam de toda alimentação de graça. Temendo comentários maliciosos ou olhares desconfiados, alguns frequentadores dos cultos, principalmente os “famosos” da cidade, ao descerem do transporte, desembarcavam antes ou bem depois da Casa. E tentando esconder-se, dirigiam-se ao terreiro.

Talvez expressando o quanto está encarnado na sociedade o sincretismo religioso, uma das grandiosas satisfações de Dona Menininha era a celebração da missa católica. Ela fazia questão, e todos os seus aniversários eram comemorados com o rito de ação de graças na casa dela - “Os padres iam lá e celebravam. E por causa disto, a festa dela acontecia”, rememorou sua neta, Márcia Amorim.

Bastante adoentada no ano de 2017, Dona Menininha precisou ficar internada. Na ocasião, acabou sendo desenganada pelos médicos, que estabeleceram aquele como seu último ano de vida. “Ela retornou para casa e permaneceu com a gente por mais quatro anos”.



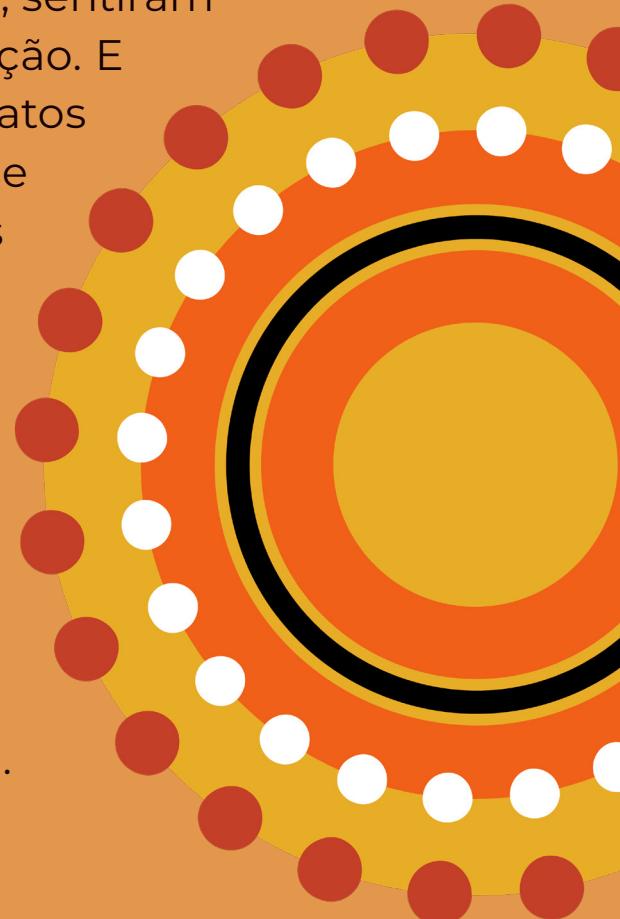
O Legado de Dona Menininha

Por experimentarem na pele uma das várias facetas do racismo, que é o preconceito contra as religiões de matriz africana, as netas de Dona Menininha ficaram, durante um período, com receio de declarar quem era sua avó. “Hoje temos mais liberdade, mais coragem de nos reafirmar. Mas naquele tempo, sofriámos muito”.

Uma das netas conta que, ao tirar a licença trabalhista na função de professora, em uma escola estadual do município, a direção da escola lhe deu uma carta de recomendação após classificar sua performance em sala como “excelente”. Animada, ela entregou o documento em duas escolas particulares. Em uma delas, fez uma entrevista impecável.



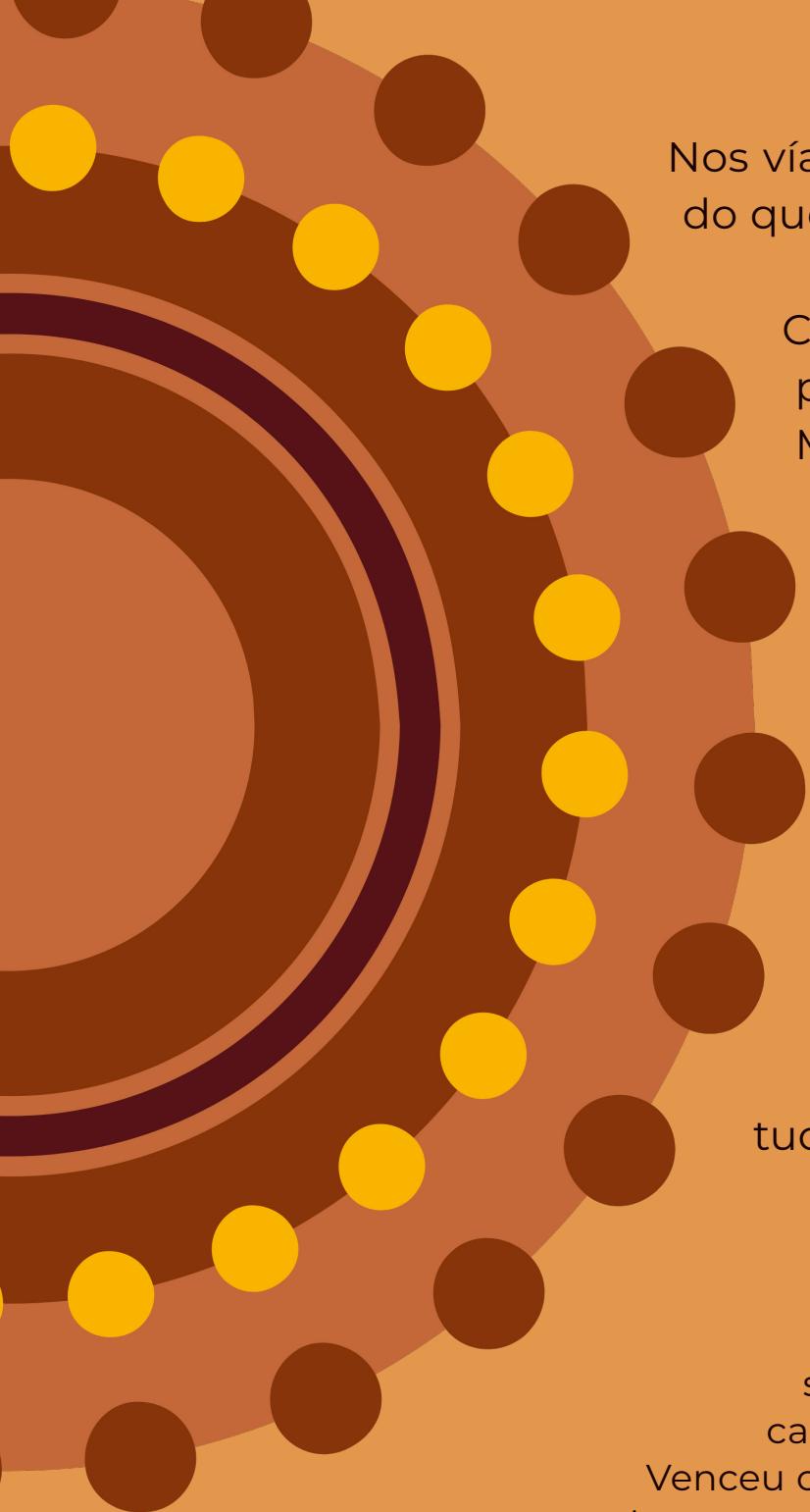
A proprietária da escola gostou do currículo, interrogou sobre questões pedagógicas, olhou a carta de recomendação e reconheceu que tudo estava “plausível”. No finalzinho veio uma última pergunta. “Quem são seus familiares?”, indagou a direção. “Sou neta de Menininha, respondeu. A dona do colégio ficou espantada e pediu confirmação. “Menininha do Timbó?”. Ao ouvir resposta afirmativa, simplesmente pegou o currículo da jovem, a carta de recomendação e disse que, infelizmente, não havia vaga para a entrevistada ali. Ao se retirar, a neta de dona Menininha apenas lamentou pela empresária estar desprezando uma profissional qualificada. E como era pouco, na época, o conhecimento sobre denúncia de preconceito e intolerância religiosa, o caso parou neste ponto.



Na escola, a experiência discriminatória talvez fosse mais sutil, mas não foi menos dolorida para as netas da mãe de santo do Timbó. Onde estudaram, sentiram de forma muito intensa a discriminação. E o que mais feria, de acordo com os relatos na roda de conversa, era o fato de se sentirem “invisíveis” enquanto alunas

do município, umas das consequências da educação que não acolhe. Você não é visto por ser bom ou não. E sendo integrante de família de religião de matriz africana, a coisa é pior ainda.

Adeptos desta fé sofrem muito. Se na escola, usa uma faixa branca na cabeça, é macumbeira. Se for com a roupa muito diferente, questionam se passou antes pela macumba. “E aí você tem que estar preparado para ouvir, porque geralmente ninguém diz assim com o seguidor do catolicismo, da religião evangélica.



Nos víamos obrigadas a esconder a relação familiar, por causa do que chamamos hoje de bullying".

Considerando como "bem vividos" os 100 anos dedicados pela avó ao bem das pessoas, as netas afirmam que Dona Menininha deixou um legado de amor e carinho. Hoje, seus filhos e filhas, segundo elas, têm orgulho e gratidão de serem sua descendência. E o reconhecimento da importância do trabalho e serviço prestado pela matriarca, é defendido também pelos parentes que seguem orientação evangélica.

Com toda a dificuldade que passou, ela conseguiu dar aos filhos o suporte necessário para a formação de suas famílias. Apesar de todas as violências e problemas que teve que encarar, ela era feliz, extrovertida, vaidosa, alegre e muito acolhedora. "Ela mesmo dizia: apesar de tudo que passei, eu consegui restaurar a minha família".

"Eu acho que minha avó gostaria de ser lembrada como uma pessoa que superou as dificuldades. Tinha tudo para usar qualquer desculpa e ser qualquer coisa, mas que saiu vencedora. Venceu o desafio de um lar destruído, de um casamento que não deu certo, da criação de 11 filhos sozinha. Venceu o desafio de estar em um mundo de letrados, mas sobreviver, se destacar e liderar, mesmo sendo analfabeto. Ela venceu o desafio de ser uma mulher preta" (Djane Sacramento, 2024).

A existência e as ações realizadas pela líder religiosa ressoam como uma mensagem motivadora e provocativa, principalmente para os seus. "Sua vivência nos diz que não há desafio que a gente não possa enfrentar e superar. E que não há tempo para a realização de um sonho". Ela era uma pessoa que passava fome, e de repente tinha fartura na mesa. Ia para o centro da cidade a pé, levando os filhos para estudar, e logo conseguiu

conquistar sua casa, seu carro. Menininha é a mulher que no mesmo lugar onde foi humilhada, sem possuir bens materiais, com esforço construiu o seu “império”.

Ela morreu se sentindo assim. Eu escrevi meu nome na história. Então acho que ela queria ser lembrada como a mulher que “deu a volta por cima”, conseguiu mudar a história e deixar o seu nome gravado. A mulher que conseguiu marcar uma geração, uma comunidade e ser referência familiar (Djane Sacramento, 2024).

A vida de Dona Menininha como sacerdotisa do Candomblé preservou a religiosidade afro-brasileira em Conceição da Feira. Ela representou a força e a resistência das tradições africanas, transmitindo conhecimentos sagrados às novas gerações.





“... O que digo às mulheres negras é que não parem, não pasmem, não se intimidem. Sigam em frente e nós chegaremos lá!”

(Maria Alves Dias – Tia Chinha)

TIA CHINHA E O MUTIRÃO DA SOLIDARIEDADE



Desafio. Esta palavra resolveu acompanhar o percurso da conceiçaoense Maria Alves, a popular Tia Chinha, diariamente e desde os primeiros anos de vida. Segunda filha do grupo de cinco irmãos órfãos (de pai e mãe), ela teve uma infância muito difícil. O fato de o pai ter sido funcionário da Leste (Rede Ferroviária Federal - RFFSA) até possibilitou obter crédito facilmente no comércio para comprar alimentos, enquanto aguardavam a chegada do direito à pensão.

Mas na condição de criança pobre, preta e sem recursos financeiros, os desafios na trajetória nunca faltaram. “Eu tive dificuldade para viver e suprir necessidades básicas, como comer. Mas, meu maior desafio foi o de estudar. Eu não queria deixar os estudos, porém aqui no município o colégio era particular”, disse Chinha, lembrando da generosidade de sua amada professora Idalba. “Ela mandou me chamar dizendo que custearia as minhas despesas”. Assim, terminou de fazer o curso no local onde funcionava um antigo casarão (atual prédio da Biblioteca Pública Municipal).

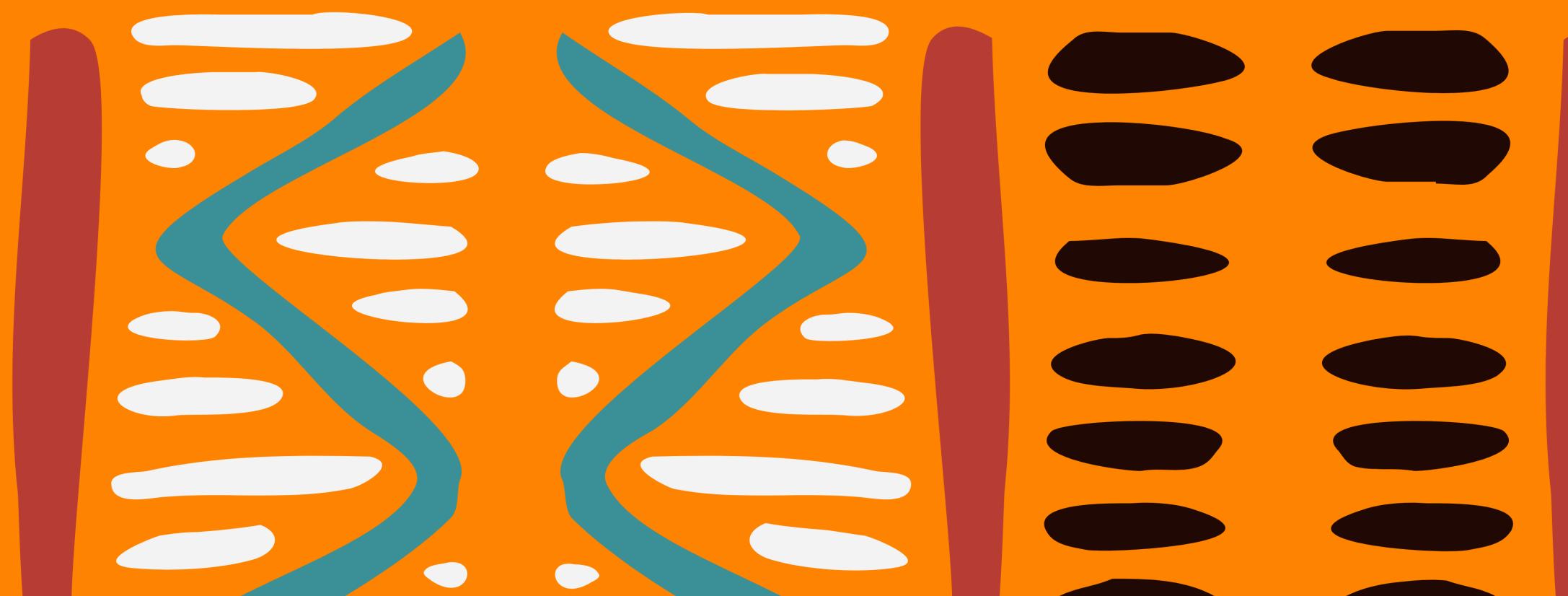
No momento de fazer o segundo grau, percebeu nova dificuldade: seria necessário ter dinheiro para viajar todo dia, já que só tinha o curso em Cachoeira. Conseguiu um passe (11 vales-transportes) na Autoviação Feirense, que dava o direito à ida e volta no ônibus. Problema era quando o veículo quebrava. Neste caso, junto com as “colegas solidárias”, aquelas que nunca a abandonava, pegava carona nos ônibus que iam para Salvador (saindo da cidade heroica) e saltava na Lagoa Encantada. De lá andavam dez quilômetros até chegar em Conceição da Feira. “Às vezes, as pessoas passavam de carro, reconheciam a gente e davam carona. Fora isso, viajei de caminhão de pedra, camionete aberta e



outros meios", recordou.

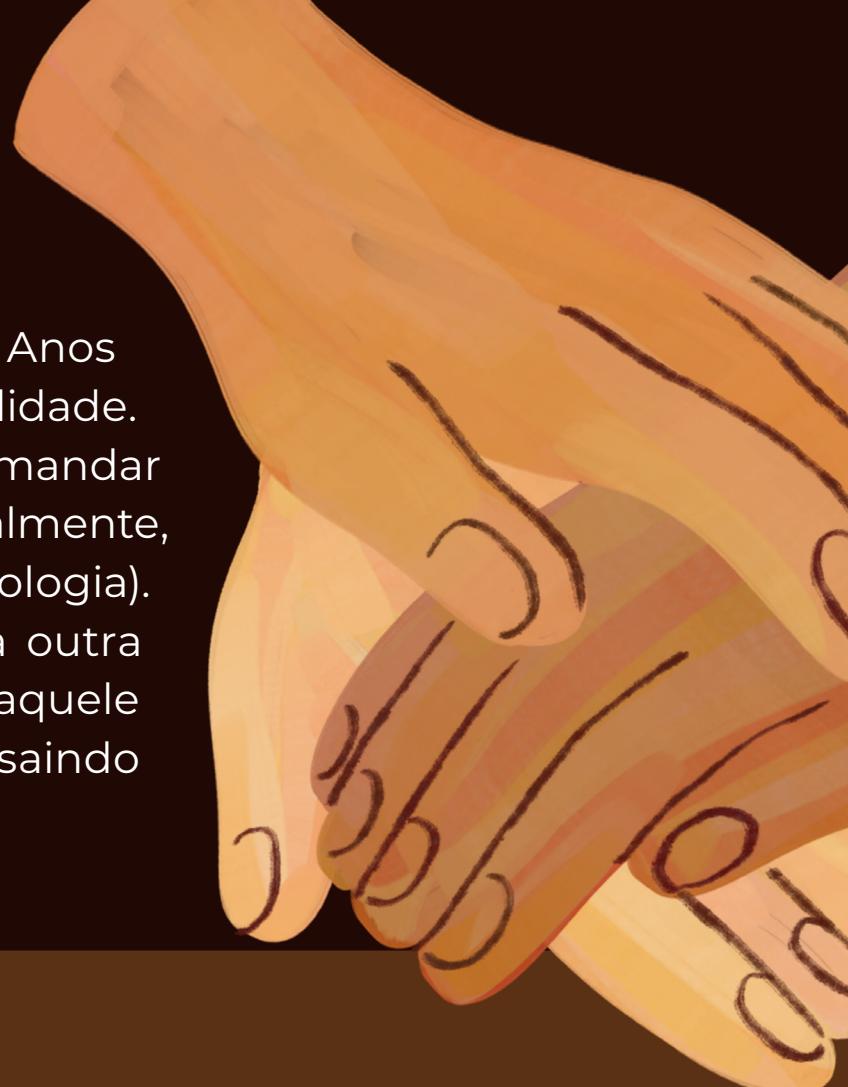
Por ter dificuldade em Química, um professor se prontificou a dar aula de reforço, gratuitamente, porque viu sua aluna demonstrando interesse ao tentar aprender com o colega da classe, Maria Alves ficava em Cachoeira no turno da tarde sem se alimentar. "Sem dinheiro para a merenda e sozinha, já que as colegas tinham que ir embora para casa, ela ficava sentada no lado do mercado municipal. E ali supria minha fome, bebendo água", contou.

Sem desanimar, passou na disciplina "problemática", concluiu o curso e foi para Salvador. Na capital fez a escolha difícil: entrar no ensino superior ou ir trabalhar? Optou por entrar no mercado de trabalho, pois precisava buscar o próprio sustento e garantir uma ajuda para os irmãos. Na época, as duas instituições existentes na Bahia, a Universidade Católica do Salvador (particular) e a Universidade Federal da Bahia, acabavam não oferecendo alternativas tão acessíveis a todos os cidadãos. Filhos de pessoas ricas podiam pagar seu curso na Católica, que funcionava em turnos diversos. "Isso seria difícil para alguém de família pobre, por não ter dinheiro para se dedicar exclusivamente aos estudos". Diante disso, tomou a decisão de trabalhar, e após essa decisão, começou uma nova fase da história de sua vida.



A Vida Profissional em Salvador e o Trabalho Voluntário em Projetos Sociais

Na capital, primeiro trabalhou em uma Farmácia. Anos depois, passou a atuar num escritório de contabilidade. Quando deixou este serviço, recebeu convite para comandar a recepção e o ambulatório do Cárdio Pulmonar (atualmente, hospital privado especializado em cardiologia e pneumologia). “Eu topei o desafio, claro! E ali dentro, começou uma outra história em minha vida. Foi muito bom o convívio naquele ambiente. Tanto é que trabalhei durante 24 anos, só saindo com a aposentadoria”, afirmou.



O Mutirão da Solidariedade

Mesmo morando em Salvador, Maria Alves constantemente viajava à Conceição da Feira. Certa vez, percebeu que muitas pessoas estavam reclamando de grande dificuldade em conseguir marcar uma consulta com cardiologista. Trabalhando em um local onde 90% dos médicos eram especialistas nesta área, ela logo encontrou uma forma de garantir o atendimento para quem a procurava. Quando o médico Augusto César começou a ir diretamente ao município para atender algumas pessoas, chamou a colega Marys (como era chamada Chinha na Cardiopulmonar) e lhe avisou: “não estamos precisando só de cardiologista. Esta população é eminentemente hipertensa. E se não cuidarmos, isso pode evoluir para muitas mortes”.

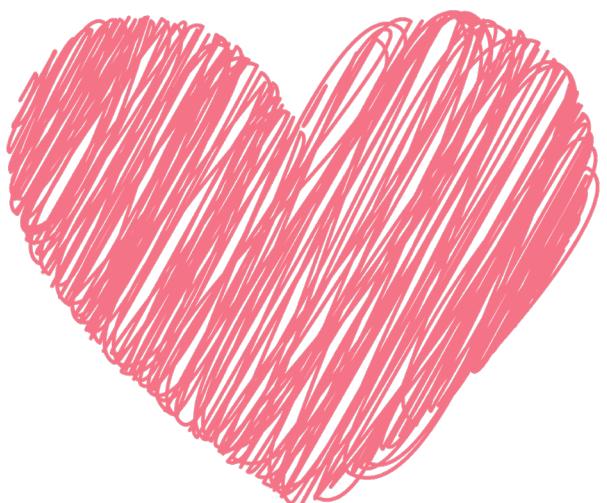
Para Chinha, o alerta sobre hipertensão, que é um dos problemas mais incidentes na população negra, significou a percepção de agravos na situação de saúde deste grupo em específico. “E foi a partir daí que nasceu a ideia de trazermos outros profissionais e

mais cardiologistas para o município” no Mutirão da Solidariedade, revelando como criou a ação voluntária mais marcante dos últimos anos na cidade. Em seguida, cardiologistas e nefrologistas identificaram a necessidade de atendimentos de gastroenterologista. E uma necessidade foi chamando outra.

Mutirão da Solidariedade, sendo realizado no CEYBC em Conceição da Feira



Fonte: Arquivo do Mutirão da Solidariedade



Chinha é a 5ª mulher sentada da direita para esquerda, com a equipe de apoio do Mutirão da Solidariedade, na Praça da Matriz em Conceição da Feira



Equipe na praça de Conceição da Feira

Fonte: Arquivo do Mutirão da Solidariedade

Importante salientar que neste período de início das atividades do mutirão, Maria Alves tinha feito um discurso na sessão da Câmara, comemorativa aos 73 anos de Emancipação Política de Conceição da Feira. Sua fala foi considerada “revolucionária” por abordar diversos problemas sociais vividos pelos munícipes e expressar o sentimento da maioria dos conceiçoenses, em relação ao abandono e descuido com o município.

Com firmeza, Tia Chinha cobrou um efetivo compromisso das autoridades constituídas e conduziu sua reflexão apontando contradições entre os anseios declamados no Hino Oficial do Município, composto pelo conterrâneo Vivaldo Bittencourt, e a realidade existente naquele ano. “Falta o cumprimento da palavra empenhada. Falta o amor e o respeito à pátria amada. Aquele discurso tão fervoroso que se faz na campanha é que precisa ser colocado em prática”.

Nesse período, o Mutirão da Solidariedade estava sendo realizado uma vez por mês no espaço físico do Colégio Estadual de Tempo Integral de Conceição da Feira (antigo Colégio Estadual Yêda Barradas Carneiro), e passou a oferecer atendimentos gratuitos em 17 especialidades para os conceiçoenses. Além de cardiologistas, pneumologistas, pediatras, endocrinologistas, gastroenterologistas, urologistas, ginecologistas, mastologistas, nefrologistas, angiologistas, otorrinolaringologistas, infectologistas, hematologistas, oftalmologistas, proctologistas, psicólogas e ultrassonografistas. O suporte especializado contava ainda com enfermeiras, estudantes de enfermagens, técnicos de SG, representantes farmacêuticos e recepcionistas.

A dinâmica criada e a logística desenhada pela organização da iniciativa solidária de saúde conferia agilidade, otimização e aumento no grau de resolutividade das demandas que chegavam ao local, como relatou Maria Alves (2024) na entrevista.

Em cada mutirão fazíamos em média de 500 a 600 atendimentos. Ao chegar no colégio, a pessoa era



atendida pelas especialidades que precisasse. Ela marcava para um cardiologista, e se o profissional detectasse a necessidade dela passar por um infectologista, gastro ou urologista, imediatamente tinha acesso ao atendimento. Alguns pacientes passavam por três especialidades diferentes no mesmo dia.

E após as consultas, os pacientes já saíam com a medicação que fora recomendada. Isto ocorria porque o apoio dado por representantes de alguns laboratórios possibilitou ao Mutirão da Solidariedade montar uma farmácia, contendo mais de 200 medicações em amostras grátis. “Muitas vidas foram salvas e vários casos complicados, resolvidos. Tem um, por exemplo, que reverbera até hoje. E inclusive, neste exato momento de 2024, estamos correndo como naquele período para providenciar a resolução”, informou Chinha, a respeito do caso de uma pessoa do município, portadora de doença cardíaca grave.

Ela foi diagnosticada em uma das edições do mutirão. Um dos médicos, detectou que ela precisava ser operada imediatamente. “Marys, o caso dela é para ontem”, observou na época. Ao ver a jovem manifestar resistência, Chinha a advertiu: se você não operar, você morre. No mutirão seguinte, ela retornou e tinha mudado de ideia. A equipe médica, então, conseguiu um cirurgião cardiovascular que colocou uma válvula no coração dela, recomendando fazer acompanhamento e trocar o dispositivo em 10 anos.

Acontece que ela deixou passar o tempo, e só agora, 17 anos depois, soube-se do problema. “Voltei à casa dela para ajudar. Estou correndo com o mesmo médico, Augusto César, que já se mobilizou para salvá-la mais uma vez”, garantiu Maria Alves.

Apesar de não estar mais ativo e ter encerrado as atividades que promovia no município, o Mutirão da Solidariedade foi uma ação acertadíssima, na opinião de sua fundadora. Também, através dele se detectou a anemia falciforme em muitas pessoas de Conceição

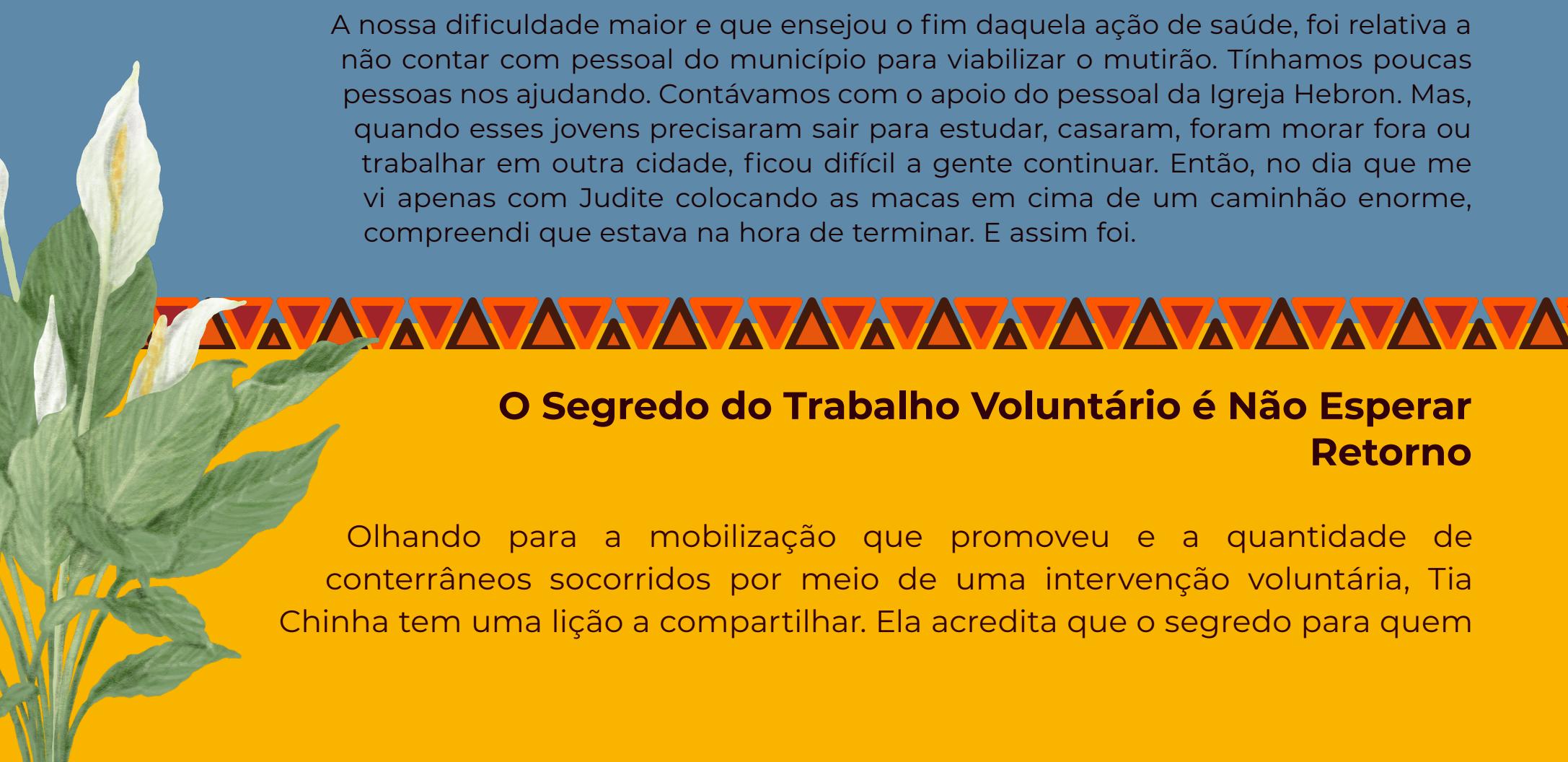


da Feira, como frisa Tia Chinha. Uma pesquisa feita no município pela hematologista Carla Mota, chegou a ser levada para um Congresso de Hematologia no Rio Grande do Sul, onde ficou

constatada grande quantidade de pessoas negras com a doença. Um dos primeiros casos identificados no mutirão, transcorreu por meio do especialista Augusto Beckham. A paciente do município, apesar de enfrentar muita dificuldade, está viva e se cuidando. É importante mais ações para divulgar os cuidados com a anemia falciforme no município.

Após ter oferecido serviços especializados aos conceiçoenses por aproximadamente 10 anos, o Mutirão da Solidariedade encerrou as ações e atendimentos. Tia Chinha garantiu que não teve nada a ver com questões financeiras para a realização. Havia amparo por parte da Cardiopulmonar. A empresa de transportes Santana dava apoio no transporte das pessoas que vinham de Salvador para Conceição da Feira. Alguns laboratórios colaboravam. A empresa Odebrecht chegou a doar equipamentos caros. A Associação dos Avicultores do município contribuía, e o empresário local, Carlos Augusto (Guto da Gujão), ao saber que o mutirão iria acontecer, destinava uma verba para ajudar na realização. Mas, foi por faltar gente para realizar as tarefas estruturais pertinentes à concretização do evento no dia, que a iniciativa se findou, como pontuou Maria Alves (2024):

A nossa dificuldade maior e que ensejou o fim daquela ação de saúde, foi relativa a não contar com pessoal do município para viabilizar o mutirão. Tínhamos poucas pessoas nos ajudando. Contávamos com o apoio do pessoal da Igreja Hebron. Mas, quando esses jovens precisaram sair para estudar, casaram, foram morar fora ou trabalhar em outra cidade, ficou difícil a gente continuar. Então, no dia que me vi apenas com Judite colocando as macas em cima de um caminhão enorme, comprehendi que estava na hora de terminar. E assim foi.



O Segredo do Trabalho Voluntário é Não Esperar Retorno

Olhando para a mobilização que promoveu e a quantidade de conterrâneos socorridos por meio de uma intervenção voluntária, Tia Chinha tem uma lição a compartilhar. Ela acredita que o segredo para quem

quer prestar algum serviço social à sua comunidade é nunca esperar por retorno. “Porque ao contrário, o trabalho não será efetivo e você quebra a cara logo. Faça sabendo que estará se realizando”, observou.

É bem este o ensinamento presente numa reflexão feita certa vez por um médico, após o mutirão. O voluntário teria dito: “você sabe qual é a sensação que eu tenho quando eu saio daqui?”. Ele mesmo respondeu. “Que ganhar dinheiro é algo muito pouco. É uma coisa assim como a que realizei hoje, que é muito grande. Pois, a satisfação dentro de mim é indizível”. Ele estava certo, concordou Maria Alves. “Realmente. Por acaso, existe coisa mais gostosa e valorosa que quando a gente serve? É algo que dá um ânimo enorme”.



Desafios da Sociedade Racista

Mulher que teve infância difícil, mas conseguiu superar as barreiras, Tia Chinha nunca foi parada por ser negra, quando adulta. A experiência triste que guarda em relação a isso, é do tempo de criança. “Tive uma professora que era racista. Ela não gostava de negro. Então, o que digo às mulheres negras é que não parem, não pasmem, não se intimidem. Sigam em frente e nós chegaremos lá!”.



A Grandeza do Mutirão da Solidariedade

O Mutirão da Solidariedade, liderado por Tia Chinha, teve um impacto significativo em Conceição da Feira e em toda a região, chamando a atenção por diversas vezes, de grandes meios de comunicação, como TV Subaé e o jornal A Tarde. O trabalho liderado por Tia Chinha foi essencial no fortalecimento dos laços de solidariedade e na melhoria da saúde pública local, criando uma rede de apoio que não só transformou, como também salvou inúmeras vidas.

O trabalho de Tia Chinha destaca a força das mulheres negras como agentes de mudança social, atuando na linha de frente para enfrentar desafios locais e fortalecer a comunidade. Ela não só promoveu uma melhor qualidade de vida para os moradores, mas também inspirou ações de solidariedade que reverberam positivamente em outras localidades.

TV Subaé entrevistando participantes do Mutirão da Solidariedade em Conceição da Feira



Fonte: Arquivo do Mutirão da Solidariedade

Reportagem do Jornal A Tarde sobre Mutirão da Solidariedade em Conceição da Feira – 1999



Fonte: Arquivo do Mutirão da Solidariedade





“Digo às mulheres pretas do nosso município que aprendi nesta trajetória que nós precisamos dizer “eu sou” e não que “estou”. Não estou mestra, eu sou mestra de capoeira. É questão de autoafirmação. Porque assim, você não só se fortalece, mas valoriza e engrandece a outra também”.

(Mestra Nzinga)

MESTRA NZINGA: CAPOEIRA E RESISTÊNCIA CULTURAL. UMA MULHER COMANDANDO A RODA DE CAPOEIRA

“Eu sou uma mulher negra, capoeirista, professora e pedagoga. E a história da capoeira em Conceição da Feira é também a minha história”, assim se definiu Maria Cristina, revelando a íntima relação que mantém com esta prática, idealizada por afro-brasileiros, que mistura arte, dança e esporte. No decorrer de mais de três décadas gingando nas rodas e atuando em aulas, cursos, palestras e conferências relacionadas à temática, ela se tornou conhecida como Pró Cristina ou Pró Cris Anjos. Mas, atualmente, no Brasil e até no exterior, todos a reverenciam como a Mestra Nzinga, a primeira do gênero feminino a receber tal título no município, no dia 28 de agosto de 2021.

Mestra Nzinga, é integrante da ACARBO - Associação de Capoeira Arte e Recreação Berimbau de Ouro, sediada em Santo Amaro, mas com núcleos espalhados em diversas cidades, incluindo Conceição da Feira. Figura de destaque na entidade, a mestra tem contribuído de forma significativa para a valorização da capoeira em toda a região, inspirando novas gerações a se envolver e a participar ativamente da prática, especialmente mulheres. Neste quesito, a sua jornada como capoeirista também reflete os desafios que este grupo populacional enfrenta em espaços tradicionalmente dominados por homens, como é o caso de muitas rodas de capoeira.

Contudo, através de sua dedicação e talento, Mestra Nzinga é um exemplo de quem conseguiu romper barreiras e se tornar modelo de



superação e liderança para seu município e para o estado da Bahia. Para alcançar o reconhecimento, salienta-se, a trilha seguida não lhe reservou facilidades.

Mestra Nzinga em apresentação no Grupo ACARBO



Fonte: <https://www.facebook.com/nzingacrisanjos11?mibextid=ZbWKwL>

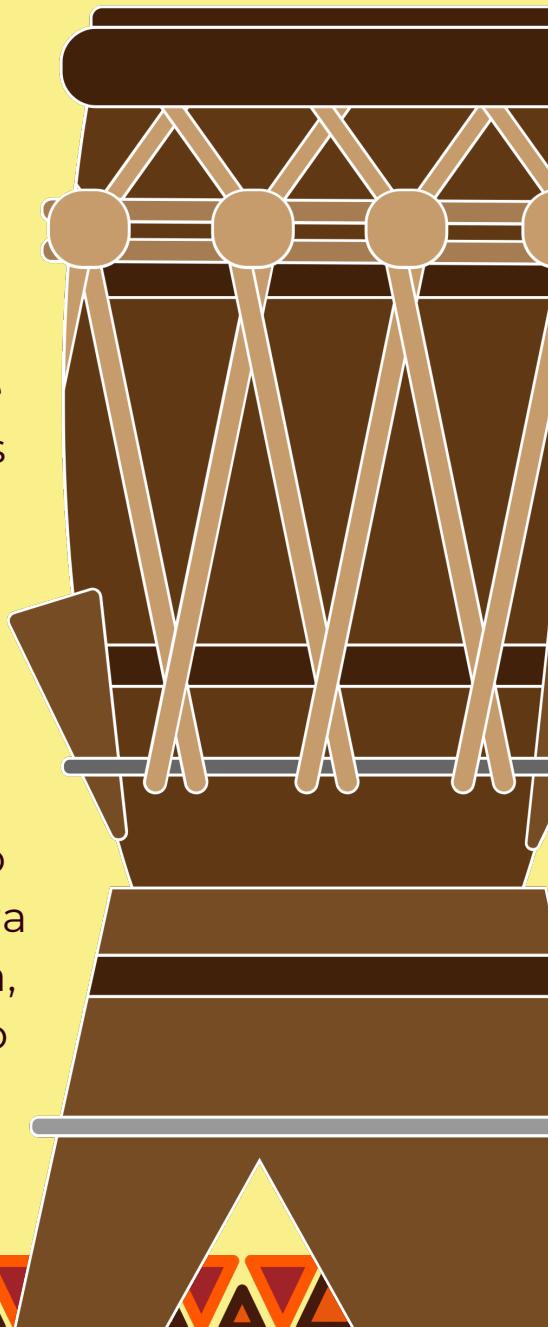
A Infância e Juventude – A Descoberta pela Paixão pelo Esporte e Capoeira

Nascida na cidade de Barra do Mundo Novo, Bahia, chegou em Conceição da Feira aos quatro anos e teve uma infância marcada por percalços, recordou

Não vou dizer que foi pobre, mas foi infância difícil. Éramos 11 irmãos. Quatro mulheres e sete homens. Muita gente para dar conta, principalmente na questão alimentar. Como não tinham escolas públicas para crianças de minha idade, minha mãe se sacrificou e pagou na rede particular para eu ser alfabetizada e poder entrar na escola com 7 anos, já sabendo ler e escrever”.

Seu pai era funcionário da rede ferroviária e a mãe trabalhava como costureira para ajudar nas despesas de casa. Dentre os desafios enfrentados entre a infância e adolescência, a Mestra Nzinga destaca as críticas, discriminações e preconceitos que sofreu em razão da falta de condição dos pais para comprar sapatos e farda nova. “É que a gente ia ao estudo com as vestimentas que já estavam usadas. E não é de agora que as pessoas querem reconhecer você pelo que você usa, pelo que veste.”, disse, relatando também não ter tido festas de aniversário e de manter obediência ao limite imposto pela família “de casa para a escola e vice-versa”.

Mas isso não impediu a garota de desenvolver o interesse pelo esporte aos 11 anos, incentivada pela professora de Educação Física, Ivone. Jogou futebol com mais “um monte de meninas”, chegando a integrar a seleção municipal, e só deixou quando surgiu um novo interesse: a paixão pela capoeira. Tudo começou com as idas à feira livre com a mãe. Sempre ouvia um som do berimbau de longe. Atenta, a genitora dizia: “isso é coisa de homem. São uns ‘bucados’ de nego jogando perna. Não tem mulher lá não”. E não deixava Cris Anjos ir ver a roda que ficava do outro lado da feira, onde funcionava o



comércio de roupas.

Um certo dia de sábado, Cris conseguiu escapulir de perto da mãe e, junto com alguns garotos, foi assistir a apresentação dos capoeiristas. “Quando cheguei, vi os meninos de calças coloridas, sem camisa, jogando. Uns dando saltos e outros fazendo movimentos com o corpo e cantando as músicas da roda. Eu fiquei apaixonada”, contou. “Eu quero fazer isso”, disse a si mesma. Naquele tempo, é bom ressaltar, nem se sonhava que mulher, principalmente no interior da Bahia, iria fazer parte em treino de capoeira. “Era algo estritamente masculino”, observou Cris.

O Início da Capoeira em Conceição da Feira

Naquele momento, entre 1980 e 1982, não existia nada de forma organizada em Conceição da Feira relacionada à capoeira. Estas rodas que ocorriam aos sábados, em frente ao Clube da AAU – Associação Atlética União, eram atividades feitas pelo pessoal que trabalhava fora do município, quando retornavam à cidade no final de semana. Cada um chegava com pandeiro, berimbau e começava a jogar. Depois passavam o pandeiro pedindo colaborações em dinheiro ao público assistente. “Com o que era arrecadado, eles procuravam utilizar em algum tipo de diversão”, explicou a capoeirista.

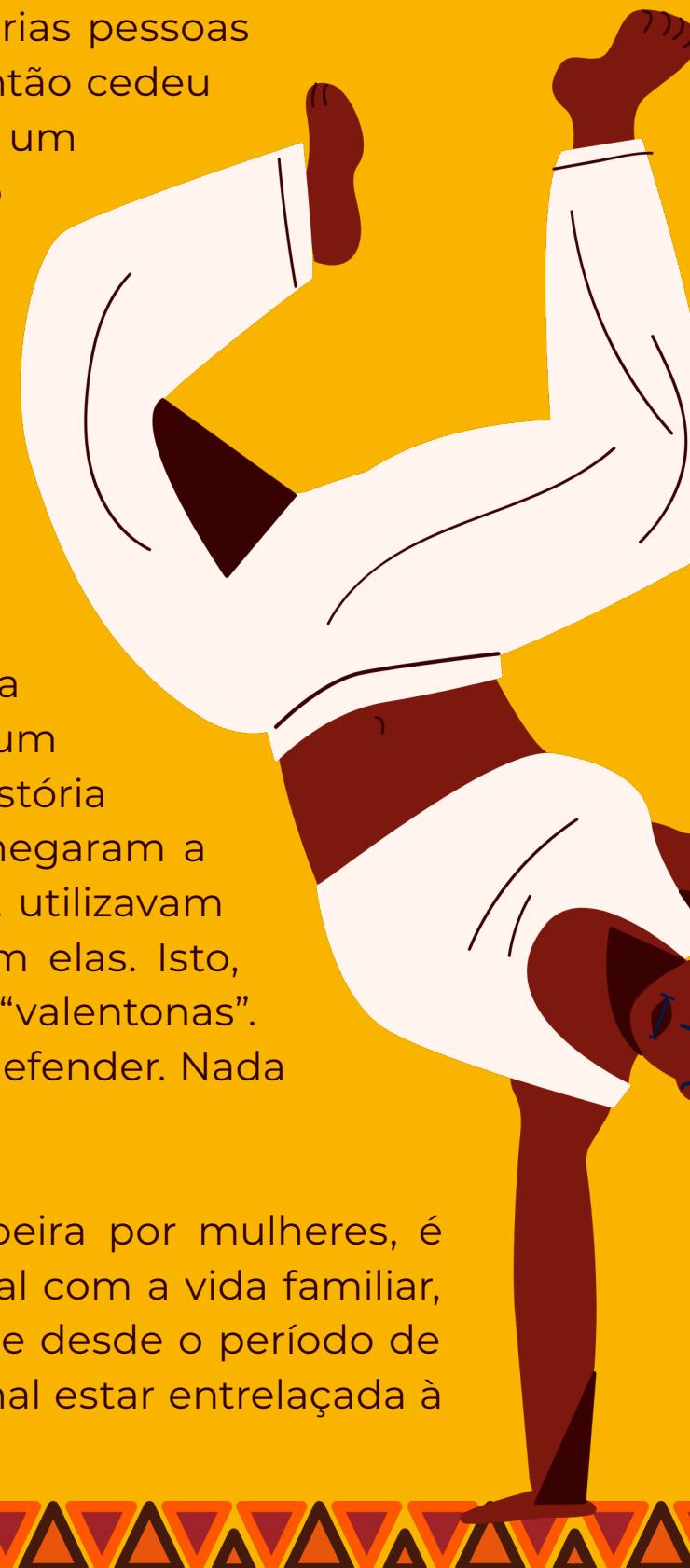


As Barreiras Enfrentadas pelas Mulheres na Prática de Capoeira

Cristina percebeu uma primeira barreira impeditiva à efetivação do seu desejo. É que àquela altura nem lugar para realização de treinos existia no município. Isto mudou no dia em que uma senhora chamada dona Rosa (esposa do popular carpinteiro “Seu Chinês”), que tinha o filho Admilton praticando capoeira, viu que várias pessoas se mostravam interessadas em assistir ele treinando. Ela então cedeu o quintal para que o filho desse aulas ao pessoal. “Fui lá em um destes dias e vi que tinha 28 mulheres. Então, fiquei fazendo os treinos. E desse tempo para cá, só parei mesmo um período”, disse Mestre Nzinga, revelando que inicialmente praticou a capoeira de forma escondida da família. A mãe sabia, até sabia, mas não concordava, já o pai, não aceitava que sua filha fosse capoeirista.

A estratégia utilizada para praticar capoeira foi a de ser amiga das irmãs de Admilton, e explicando a razão da ida na casa deles para “fazer trabalho escolar”. A calça da capoeira ficava com dona Rosa, e as filhas dela cuidavam de lavar. Foi um período de desafios. Inclusive, pontuou Mestra Nzinga, a história da capoeira registra que as mulheres que a praticavam chegaram a ser chamadas de “arruaceiras”, porque ao aprender a jogar, utilizavam as técnicas como defesa contra homens que mexiam com elas. Isto, segundo ela, gerou uma fama de que se tratava de mulheres “valentonas”. “Na verdade, era apenas o uso de um mecanismo para se defender. Nada demais”, ponderou.

Outra grande problemática em relação à prática da capoeira por mulheres, é encontrar formas de conciliar a prática da expressão cultural com a vida familiar, estudos e carreira profissional. Nzinga vivenciou isto na pele desde o período de namoro com o esposo. Apesar de sua experiência profissional estar entrelaçada à



capoeira, teve dificuldade em voltar a estudar.

Durante o namoro, engravidou. Tive que ir morar em Salvador, pois ele estava servindo ao Exército Brasileiro. Eu estava cursando o magistério, parei no segundo ano. Essa é uma grande dificuldade da maioria das mulheres, principalmente da mulher preta e de baixa renda: parir e retornar à vida profissional ou aos estudos.

Grávida pela segunda vez e contando com o apoio da mãe no cuidado dos filhos, Nzinga voltou a estudar e concluiu o magistério. Ainda que não tivesse pretendido fazer faculdade tendo a responsabilidade das crianças. Mas quando surgiu uma oportunidade de trabalhar como professora na rede municipal de ensino, descobriu que havia incentivo e melhor possibilidade do educador conseguir formação em nível superior. Nzinga graduou-se em pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, estudando à noite e trabalhando de dia. Uma das preocupações era a de continuar dando aula de capoeira e deixar que os alunos lhe superassem no conhecimento.

Motivação para as Mulheres

Como forma de motivação para todas as mulheres, Mestra Nzinga acredita que a grande recomendação é seguir o caminho das ancestrais, que mesmo sem apoio adequado partiram para a prática e não ficaram só na teoria. Aos poucos e com pequenos feitos, elas conseguiram a libertação. Sem alarmes, as pequenas coisas se transformaram em algo grandioso. “Acho que a trajetória de qualquer mulher, movimento ou ação, pode ser assim. As mulheres precisam ir à luta. Precisam começar e perseverar em seus objetivos”, disse. Recentemente Mestra Nzinga passou por uma experiência dolorida. Ela teve câncer de mama. Contudo, não adotou uma postura de abatimento.



Mestra Nzinga praticando capoeira durante o tratamento do câncer



Fonte: <https://www.facebook.com/nzingacrisanjos11?mibextid=ZbWKwL>

“Foi o período que eu mais treinei e participei da capoeira. Inclusive, o médico me perguntou o que era que eu fazia, porque eu estava bem, muito bem. Aí eu disse, capoeira há mais de 30 anos”. Ele respondeu: “então está explicado, porque você não trabalha só o corpo, trabalha e prepara a mente”. Curada após sucesso com o tratamento, a capoeirista credita sua cura à fé em Deus, mas também reconhece que a capoeira ajudou muito. Sua trajetória arrastou filhos e marido a praticar a capoeira também.

“Quando não tinha mulher treinando, meu marido entrava na roda para jogar comigo.

Minha filha do meio, que é professora de capoeira, apesar de não estar dando aula, continua treinando firme", lembrou. Incomodada com a falta de valorização das tradições culturais no processo educacional, a Mestra defende colocar a capoeira efetivamente o ano todo na escola. Não a questão da luta apenas em referenciais comemorativos, e sim a forma pedagógica. Segundo ela explicou, trata-se de usar a pedagogia da capoeira na aprendizagem do aluno.

Podemos utilizá-la na Matemática, Língua Portuguesa, História, Geometria, Geografia, em qualquer dessas disciplinas. Quando eu faço um aulão de capoeira em algumas escolas, todos os estudantes ficam quietos. Porque capoeira é disciplina. Trabalha o intelectual e o corpo (Nzinga, 2024).

"Digo às mulheres pretas do nosso município que aprendi nesta trajetória que nós precisamos dizer "eu sou" e não que "estou". Não estou mestra, eu sou mestra de capoeira. É questão de autoafirmação. Porque assim, você não só se fortalece, mas valoriza e engrandece a outra também".



As Mulheres Negras Referências de Resistência Cultural e Social

A atuação de Mestra Nzinga em Conceição da Feira exemplifica a importância central das mulheres negras como agentes de resistência cultural e social, conforme fundamentam teóricas negras decoloniais, como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro. Com mais de três décadas dedicadas à capoeira, Mestra Nzinga fortalece uma consciência identitária afro-brasileira, usando a capoeira não apenas como prática física, mas como um ato de resistência e valorização da cultura afro-brasileira, alinhada ao conceito de "amefrikanidade" de Gonzalez (1988), que une elementos culturais de matriz africana e experiências diáspóricas.

Para Sueli Carneiro (2003), a cultura negra é um terreno de luta e transformação que desafia

o colonialismo cultural e reativa memórias e identidades muitas vezes silenciadas. Mestra Nzinga encarna essa perspectiva ao preservar e transmitir a capoeira, reconfigurando-a como uma ferramenta de fortalecimento comunitário e identidade negra. Sua atuação vai além da prática capoeirista, promovendo um espaço de aprendizado, acolhimento e autoestima para a comunidade, especialmente para jovens negros e negras que encontram na capoeira um caminho de expressão cultural e resistência social.

Essa ação reafirma a importância das mulheres negras como guardiãs e transmissoras da cultura afro-brasileira, contribuindo para a construção de uma memória coletiva que valoriza e perpetua a identidade negra no Brasil. A atuação de Mestra Nzinga como capoeirista há mais de três décadas no município de Conceição da Feira, contribuiu e contribui para promover uma consciência identitária afro-brasileira na população do município.





“Como muitas antes de mim, e ao lado de tantas outras que continuam na batalha, sigo acreditando que a transformação começa na Educação, e que a mudança só será completa quando aquelas e aqueles historicamente silenciados ocuparem, finalmente, o centro da história.”

(Professora Ana Castelo)



QUEM CONTA A HISTÓRIA? A HISTORIADORA ATIVISTA: ANA CASTELO



Sou Ana Castelo, filha de Pedro e Edith Pereira Castelo, um casal negro que enfrentou desde cedo as adversidades da vida, trabalhando para sustentar a família e abrir caminhos para o futuro dos filhos. A história de meus pais, que encontraram dificuldades para estudar, nas décadas de 1930 e 1940, devido à escassez da oferta de escolas e a necessidade de trabalhar para se sustentar, os levou a trabalhar como motorista e trabalhadora do lar para uma família influente da cidade de Conceição da Feira, foi nesse ambiente de trabalho que meus pais se conheceram e, mais tarde, se casaram. Após o casamento, minha mãe deixou o trabalho doméstico para se dedicar à nossa casa e à criação dos filhos.

Sou a caçula de seis filhos, mas nossa família se expandiu vinte anos depois, quando acolhemos uma irmã adotiva de nove anos, que nos trouxe muita alegria, mas partiu precocemente, aos 38 anos. Nossa casa sempre foi um lar



de paz, amor e união, onde meus pais nos transmitiram uma forte crença na educação como o principal meio para conquistar independência e uma vida melhor.

Como estudante negra, enfrentei o preconceito racial em diferentes formas, tanto por parte de alguns professores e diretores, quanto de colegas. Essas experiências moldaram minha visão de mundo. Aos 14 anos, comecei a participar de grupos de jovens da Igreja Católica, onde encontrei um espaço de acolhimento e reflexão. Ali, envolvi-me com trabalhos pastorais que questionavam as injustiças sociais e mobilizavam mulheres para a luta por melhores condições de vida. A participação em grupos da igreja católica, como a Pastoral da Criança, foi fundamental para o meu engajamento político e social.

Depois de concluir o curso de magistério, passei em um concurso para professora da rede estadual de ensino, aos 21 anos. Iniciei minha carreira aos 22, lecionando para turmas do ensino fundamental na Escola Antonio Trajano Alves, em Conceição da Feira. Paralelamente, ingressei no curso de História na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), após ser aprovada no vestibular. Meu amor pelo ensino e pela história se consolidou desde cedo, e essa dualidade entre a prática docente e o aprendizado contínuo sempre guiou minha trajetória, na busca pela decolonização do saber.

Ao longo de cinco anos na Escola Antonio Trajano Alves, desenvolvi uma sólida base pedagógica. Em 1996, fui transferida para o Centro Educacional de Conceição da Feira, onde permaneço até hoje, uma escola que, com o tempo, passou a se chamar Colégio Estadual Yeda Barradas Carneiro e, mais recentemente, Colégio Estadual de Tempo Integral de Conceição da Feira. São mais de 25 anos de dedicação a essa instituição, onde tenho a oportunidade de ensinar e aprender com inúmeras gerações de estudantes, professoras e professores.

A Prática Pedagógica Tranformadora

Professora Ana Castelo na Caminhada da Consciência Negra



Fonte: Acervo Pessoal

Minha prática pedagógica ao longo dessas décadas sempre foi pautada pela construção de um pensamento crítico. Busquei incentivar meus alunos a questionarem as estruturas sociais vigentes e a se envolverem em ações que promovessem a transformação. Acredito que a educação deve amplificar a voz daqueles que foram historicamente silenciados, trazendo-os ao centro das discussões e lutando por mudanças concretas.

Entendo que “ensinar é um ato de amor e liberdade” e que o espaço educacional deve ser um local de emancipação, onde o saber crítico e a experiência de vida das estudantes e dos estudantes são valorizados. Essa concepção de educação como prática da liberdade sempre esteve no centro da minha atuação docente, ao incentivar as estudantes e os estudantes a questionarem o racismo, o sexism e as desigualdades sociais.

Ao longo de décadas de docência, fiz questão de trazer para a sala de aula as histórias

de resistência de nossos/as ancestrais e de destacar a importância de ocuparmos nossos lugares de direito na sociedade.

O Ingresso na Política

Professora Ana Castelo em atividade política



Fonte: Acervo Pessoal

A minha vida política foi marcada por atuações em mandatos eletivos, em disputas eleitorais, e assumindo funções no executivo estadual baiano como a primeira Superintendente de Políticas para as Mulheres da SEPROMI de 2007 a 2008. E como Secretária Municipal de Educação de Conceição da Feira por duas gestões, esta trajetória demonstra a articulação entre a minha prática educacional e uma postura crítica em relação às estruturas de poder locais.

Em 1997 fui uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores de Conceição da Feira, pelo qual fui eleita vereadora por duas vezes (eleições de 2000 e 2004). O Mandato Popular Ana Castelo marcou o Poder Legislativo e obteve destaque em todo o recôncavo, em 2006 fui candidata a deputada estadual. Em 2007, a convite do governador Wagner, assumi a Superintendência Estadual de Políticas para as Mulheres, tornando-me a primeira mulher conceiçoense a ocupar um cargo desse porte no Governo Estadual.

Na gestão do prefeito Val de Maninho, como Secretária Municipal de Educação, fiz uma revolução educacional, consagrando-me como a melhor secretária de Educação da História do município. Assim, o Plano de Carreira e Salários para professores, pacto pela alfabetização, projeto música na escola, padronização de fardamento escolar com conjuntos de camisa e bermuda, ou camisa e calça, criação dos Jogos Estudantis, construção de duas Creches (Pinheiro e Rocinha), duas Escolas do Campo (Cruzeiro e Candeal), Centro Cultural, revitalização do Desfile Cívico de 23 de Julho, compra de ônibus escolares, cursinho pré-vestibular e transporte universitário, são alguns registros do meu trabalho.

Minha atuação política, tanto como vereadora quanto nas disputas eleitorais para deputada e prefeita, sempre foi norteada por esse compromisso de abrir caminhos para que mulheres negras ocupem posições de liderança e se façam visíveis em um espaço historicamente negado a nós.



Visão de Mundo

A educação antirracista deve ser um dos pilares de uma prática pedagógica transformadora, neste sentido, sempre busquei promover debates sobre diversidade, inclusão e igualdade racial nas escolas. Durante minhas duas gestões como Secretária Municipal de Educação de Conceição da Feira, pude implementar políticas educacionais que visavam à valorização da cultura afro-brasileira e ao combate ao racismo institucional nas escolas.

Minha atuação, tanto na sala de aula quanto nos espaços de tomadas de decisões, é uma tentativa de questionar as estruturas opressoras e de criar um horizonte para as futuras gerações. Minha experiência como professora e política reflete uma tradição de resistência e insurgência que articula raça, classe e gênero na luta por uma sociedade mais justa. Como muitas antes de mim, e ao lado de tantas outras que continuam na batalha, sigo acreditando que a transformação começa na Educação, e que a mudança só será completa quando aquelas e aqueles historicamente silenciados ocuparem, finalmente, o centro da história.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O e-book sobre a história das mulheres negras em Conceição da Feira é uma obra rica e necessária para o entendimento da história e da cultura local, refletindo o papel transformador e inspirador das mulheres na sociedade. Através da narração das trajetórias de vida de figuras marcantes como Dona Menininha, Maria Alves (Tia Chinha) e Pró Cristina da Capoeira (Mestra Nzinga), o livro revela a profundidade da luta e da resiliência das mulheres negras no contexto da Bahia e, mais especificamente, em Conceição da Feira.

As mulheres negras, com histórias de resistência e superação, representam o espírito de perseverança e a força da cultura afro-brasileira. Elas não só enfrentaram os desafios impostos pela sociedade, como também abriram caminhos para que outras mulheres pudessem seguir adiante. Em suas vidas, vemos não apenas a luta por direitos e dignidade, mas também uma rica contribuição cultural que se reflete nas tradições, nos valores comunitários e na identidade coletiva da cidade.

A importância do legado deixado por essas mulheres transcende o âmbito individual, elas tornaram-se símbolos de luta e resistência, inspirando gerações que, hoje, compreendem a relevância da cultura afro-brasileira para a construção da identidade local. A memória de figuras como Dona Menininha, Maria Alves e Mestra Nzinga é fundamental para manter viva a herança cultural da comunidade,

servindo como exemplo para jovens mulheres que seguem em busca de afirmação e reconhecimento.

Além de ser uma homenagem, o e-book também aponta para o futuro, incentivando que as novas gerações valorizem e deem continuidade a essa história de luta. Ao contar essas histórias, o livro não apenas preserva memórias, mas também incita reflexões sobre o papel de cada membro da comunidade na promoção de uma sociedade mais igualitária, onde as contribuições das mulheres negras sejam sempre reconhecidas e valorizadas.



Este e-book foi diagramado utilizando o Canva for Education. Todo o material visual presente é licenciado sob Creative Commons, sendo destinado exclusivamente para fins educacionais e não comerciais.

